

APRESENTAÇÃO

Este número de *Política & Trabalho* inclui um dossiê sobre a antropologia e a sociologia da saúde. O caráter social da saúde e da doença tem sido um assunto importante nas ciências sociais nas últimas décadas. Alguns temas centrais são: as relações de poder e as estruturas sociais envolvidas na organização social da medicina, a diferença entre concepções leigas e profissionais da medicina e da doença, e a crítica do paradigma biomédico. Não obstante a contribuição importante do interacionismo simbólico para o tema, a saúde não ocupou uma posição importante na teoria sociológica clássica. É verdade que o ensaio de Parsons sobre o papel do doente foi importante, mas não se pode dizer que a saúde foi central no seu trabalho. As razões para a guinada intelectual recente são complexas, e tem a ver tanto com a especificidade da vida social contemporânea quanto com os desenvolvimentos científicos.

Michel Foucault é sem dúvida o pensador mais importante na história recente da sociologia da saúde. Em livros tais como *Historia da Loucura*, *O Nascimento da Clínica* e *Vigiar e Punir* ele revolucionou o estudo sociológico da medicina. O seu trabalho sobre as formas do biopoder, regimes de doença e a regulação do corpo foram cruciais. Não é exagero dizer que na tradição de estudos sobre a saúde e a doença o trabalho de Foucault foi definitivo, tanto que sua influência se faz notar em quase todos os trabalhos incluídos neste dossiê.

Abrimos o dossiê com a tradução de um artigo de Bryan Turner e Stephen Wainwright. Bryan Turner é um dos mais respeitados sociólogos ingleses da atualidade. Ele foi importante no movimento neo-weberiano na sociologia inglesa da década de 1970. Entre os seus principais trabalhos estão *Marx and the End of Orientalism* (1978) *For Weber* (1981), *Medical Power and Social Knowledge* (1987), *Orientalism, Postmodernism and Globalism* (1994), *Citizenship and Social Theory* (1994) e *Religion and Social Theory* (1991). No artigo aqui publicado, Turner e Steven Wainwright oferecem uma crítica do construtivismo social e da definição do corpo como texto. A partir de um estudo etnográfico de uma companhia profissional de balé, eles argumentam que, embora o construtivismo tenha sido importante no combate aos discursos essencialistas, é problemático como uma ontologia da corporificação. No caso da dança, por exemplo, o corpo desafia qualquer tentativa de abolir a separação entre o discursivo e o não-discursivo. Para eles, é a noção durkheimiana de "efervescência coletiva", e não a categoria pós-estruturalista de *discurso*, que explica como a lesão corporal é mediada pelos laços sociais dos bailarinos.

Ainda no debate sobre construtivismo, embora numa abordagem mais positiva, temos o enfoque dos trabalhos de Alice da Costa Uchoa, *A argumentação e a evidência no dia a dia da prática médica tecnológica* e de Rosana Horio Monteiro, *Imagens diagnósticas e a construção social do conhecimento médico*:

um estudo etnográfico do cateterismo cardíaco. Alice Uchoa mostra que os fatos médicos não são objetivamente dados, mas coletiva e contingencialmente criados. Rosana Monteiro também mostra que o desenvolvimento tecnológico não elimina a centralidade da interpretação. Ela sugere que a interpretação das imagens está ligada à experiência e à formação acadêmica, à sua área de especialização, à sua posição social na hierarquia profissional, e ao tipo de instituição em que atua.

A crítica ao paradigma biomédico e a sua relação com o mercado capitalista é o tema do trabalho de Paulo Henrique Martins e Kátia Alexandre, *A mercantilização da relação médico-paciente: crítica teórica do utilitarismo a partir do estudo sobre atendimento a famílias de baixa renda em hospitais públicos*. O professor e pesquisador Paulo Henrique Martins, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, tem exercido um papel importante na difusão do trabalho de Marcel Mauss, dos autores do Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais francesas e dos estudos sobre a dádiva nas ciências sociais no Brasil. Neste trabalho, ele e Kátia Alexandre usam o paradigma da dádiva para criticar a hegemonia do pensamento utilitarista no campo da saúde. O que eles chamam de "degradação da relação médico-paciente" nos hospitais públicos e o aumento da desconfiança na saúde pública brasileira está relacionado, no seu dizer, à penetração da ideologia utilitarista, que liga qualidade de atendimento médico à relação mercantil.

No seu trabalho *Possibilidades de intervenção: o que faz um antropólogo em uma equipe interdisciplinar de saúde*, Leila Sollberger Jeolás argumenta que através de uma intervenção antropológica numa equipe interdisciplinar de saúde que se dedica ao exercício de compreensão do *outro*, noções essencialistas, como as de adolescência, risco e prevenção, passaram a ser entendidas como construções socioculturais, recolocando sob novas perspectivas a compreensão da realidade do jovem atendido pelo serviço de saúde. A diferença transcultural da percepção da doença é o tema de Márcia Grisotti no seu artigo *Sistemas médicos: percepção e comportamento em relação ao processo saúde-doença em uma comunidade de Florianópolis (SC)*.

Os desenvolvimentos tecnológicos na área de saúde e alimentação, tais como clonagem e as tecnologias da reprodução, recolocam diretamente a questão da biopolítica levantada por Foucault no seu trabalho da década de 1970. Algumas implicações da tecnologia são levantadas por Sarah Gibbon, no seu *Reexaminando a genetização: árvores familiares em genética de câncer de mama*, e por Naara Luna no seu *Embriões geneticamente selecionados: os usos do diagnóstico genético pré-implantação e o debate antropológico sobre a condição da pessoa*.

O presente número, além do dossiê sobre saúde, inclui três artigos não-temáticos. No artigo de Teresa Cristina Furtado Matos, *Notas Sobre o Conflito e a Auto-Imagem em Norbert Elias*, a autora afirma que em Elias as relações sociais de conflito envolvem não só representações negativas dos outros, mas a *auto-imagem* dos grupos sociais também é central em situações de disputa de poder e conflito.

Em *A normalidade estética: os modelos legitimados do corpo*, Maria Yara Campos Matos propõe algumas reflexões em torno da importância dos modelos

corporais como elementos de ligação ou ruptura nas relações sociais. Tomando como exemplo o mestiço brasileiro, a autora analisa o modo como os julgamentos estéticos dos indivíduos são definidores da valorização diferenciada dos modelos legitimados de corpo.

Luciano Vasapollo, no seu artigo *Organización del ciclo productivo y el nuevo mundo del trabajo en la actual competición global*, trata do fim do modelo da produção fordista que caracterizou a economia mundial na maior parte do século vinte e do nascimento do que se chama o modelo de acumulação flexível nos últimos anos. Neste modelo, de acordo com Vasapollo, a competição se baseia cada vez mais na qualidade do produto, no novo papel alocado ao assim chamado capital humano, e no aumento da importância dos recursos imateriais e do capital da informação.

A Revista também está incluindo uma seção chamada "Comentário Crítico", na qual pretendemos publicar comentários sobre debates atuais nas ciências sociais. No número atual incluímos um trabalho de Mónica Franch e Tânia Lago-Falcão sobre o livro *Death Without Weeping*, de Nancy Scheper-Hughes. O livro de Scheper-Hughes causou bastante impacto quando foi publicado em 1992 e por isso julgamos oportuno o artigo sobre ele. O livro trata da mortalidade infantil no Nordeste do Brasil; nele, Scheper-Hughes citou a falta da manifestação dos sentimentos de perda e dor no caso de mães nordestinas enlutadas como exemplo do que ela chamou de 'negligência seletiva'. Contra Scheper-Hughes tem sido argumentado que a manifestação do sentimento é culturalmente construída e que o problema está mais na sua metodologia etnocêntrica do que na peculiaridade cultural das mulheres nordestinas.

Com mais esse número, a *Política & Trabalho* dá continuidade à sua contribuição para o debate e o exercício da crítica nas ciências sociais brasileiras. Especificamente, o dossiê sobre *A antropologia e a sociologia da saúde* representa uma intervenção da Revista numa das temáticas mais pertinentes do debate contemporâneo. Para o próximo número está sendo preparado um dossiê sobre outra temática de igual proeminência na atualidade: *as novas tecnologias e o redimensionamento do social*.

O Editor